

AUTOUIDADO EMOCIONAL NO TRATAMENTO ONCOLÓGICO: UMA REVISÃO DE LITERATURA SOBRE MULHERES COM CÂNCER DE MAMA EM QUIMIOTERAPIA

Yara Millena Silva Freitas¹;

Universidade do Estado do Pará (UEPA), Santarém, Pará.

<https://lattes.cnpq.br/7558744136793030>

José Carlos Viana Lages Neto²;

Instituto Esperança de Ensino Superior (IESPES), Santarém, Pará.

<http://lattes.cnpq.br/5361182673679448>

Érica dos Santos Ferreira³;

Universidade do Estado do Pará (UEPA), Santarém, Pará.

<http://lattes.cnpq.br/7084395134681906>

Nicole Patrícia de Lima Vinagre da Ponte⁴;

Universidade do Estado do Pará (UEPA), Santarém, Pará.

<http://lattes.cnpq.br/9122894959498681>

Daliane Ferreira Marinho⁵.

Universidade do Estado do Pará (UEPA), Santarém, Pará.

<http://lattes.cnpq.br/0845197434469055>

RESUMO: O câncer de mama representa uma das principais causas de mortalidade feminina no Brasil, repercutindo não apenas no corpo físico, mas também no âmbito emocional e social das mulheres, interferindo na forma como ela se percebe e se relaciona com o mundo. O tratamento quimioterápico, apesar de fundamental, gera efeitos adversos que comprometem a autoestima e a identidade, causando sofrimento emocional significativo. Este estudo teve como objetivo revisar a literatura científica sobre o impacto emocional de mulheres com câncer de mama em tratamento quimioterápico. A metodologia adotada foi qualitativa, de caráter exploratório, fundamentada em revisão narrativa da literatura, com busca em bases como Scielo, BVS e PubMed, publicados nos últimos seis anos. Evidenciou-se que, embora os avanços terapêuticos ampliem as chances de sobrevida, o processo de tratamento impõe desafios emocionais intensos, como medo, perda da autoestima e alterações na identidade. Nesse contexto, práticas de autocuidado, como atividades físicas leves, espiritualidade, grupos de apoio e acompanhamento psicológico, mostraram-se fundamentais para fortalecer a resiliência, ressignificar a autoimagem e favorecer a adaptação. Portanto, o cuidado integral à mulher com câncer de mama deve contemplar, além do corpo biológico, a dimensão emocional e social, promovendo suporte, escuta e autonomia no processo de enfrentamento.

PALAVRAS-CHAVE: Autocuidado emocional. Câncer de mama. Quimioterapia.

EMOTIONAL SELF-CARE IN ONCOLOGICAL TREATMENT: A LITERATURE REVIEW ON WOMEN WITH BREAST CANCER UNDERGOING CHEMOTHERAPY

ABSTRACT: Breast cancer represents one of the leading causes of female mortality in Brazil, affecting not only the physical body but also the emotional and social dimensions of women, interfering with how they perceive themselves and relate to the world. Chemotherapy treatment, although essential, generates adverse effects that compromise self-esteem and identity, causing significant emotional distress. This study aimed to review the scientific literature on the emotional impact of women with breast cancer undergoing chemotherapy. The methodology adopted was qualitative, exploratory in nature, based on a narrative literature review, with searches carried out in databases such as Scielo, BVS, and PubMed, focusing on publications from the last six years. Findings revealed that, although therapeutic advances increase survival rates, the treatment process imposes intense emotional challenges, such as fear, loss of self-esteem, and changes in identity. In this context, self-care practices, such as light physical activities, spirituality, support groups, and psychological follow-up, proved to be fundamental for strengthening resilience, re-signifying self-image, and facilitating adaptation. Therefore, comprehensive care for women with breast cancer must address not only the biological body but also the emotional and social dimensions, promoting support, attentive listening, and autonomy in the coping process.

KEYWORDS: Emotional self-care. Breast câncer. Chemotherapy.

INTRODUÇÃO

O câncer de mama é o segundo tipo de neoplasia maligna mais frequente entre as mulheres no Brasil, correspondendo a 10,5% dos casos de câncer no país, estando abaixo somente do câncer de pele não melanoma. Essa doença, caracterizada pela proliferação desordenada de células anormais que formam tumores com potencial invasivo, é a principal causa de mortalidade oncológica feminina (INCA, 2023).

O impacto do diagnóstico de câncer de mama na vida da paciente é profundo, afetando diversos aspectos emocionais, sociais e materiais. O medo da mortalidade, as mudanças corporais e a perspectiva de tratamentos invasivos podem gerar um intenso sofrimento psíquico. Diante disso, o atendimento oncológico deve contemplar o cuidado emocional, reconhecendo o impacto da doença além dos aspectos físicos (Silva, 2008).

As mamas são símbolos marcantes da identidade feminina, associadas tanto à estética quanto à função biológica de amamentação, e desempenham um papel significativo na percepção de um corpo esteticamente agradável. A mastectomia, indicada como uma das opções de tratamento, acarreta a perda parcial ou total das mamas, afetando profundamente a autoimagem e o bem-estar emocional da mulher. Esse procedimento é frequentemente acompanhado de sentimentos de perda e desafios psicológicos que comumente se refletem na percepção do próprio corpo e na identidade social (Silva *et al.*, 2010).

Além das mamas, o cabelo também possui um valor simbólico relevante na

construção da identidade feminina. A queda capilar, comum durante tratamentos como quimioterapia, é vivenciada pelas pacientes como uma perda significativa, impactando diretamente sua autoestima e levando a um potencial isolamento social. Essa experiência intensifica o sofrimento psicológico, ao refletir no espelho a extensão das mudanças corporais provocadas pelo câncer (Silva *et al.*, 2010).

Assim, percebe-se que o câncer de mama ultrapassa a condição de doença física, assumindo também a dimensão de experiência emocional e social. Diante desse quadro, por meio de uma revisão de literatura, torna-se indispensável refletir sobre estratégias de enfrentamento, como o autocuidado emocional, que auxiliem as mulheres em tratamento quimioterápico a reconstruir sua autoestima, ressignificar sua autoimagem e fortalecer sua identidade ao longo do processo de adoecimento.

OBJETIVO

O presente capítulo tem como objetivo revisar a literatura científica sobre o impacto emocional de mulheres com câncer de mama em tratamento quimioterápico, enfatizando a importância do autocuidado emocional como estratégia de enfrentamento e promoção da qualidade de vida. Pretende-se discutir de que forma as práticas de autocuidado, articuladas ao apoio psicológico, contribuem para minimizar os efeitos emocionais e sociais da doença e do tratamento.

METODOLOGIA

Esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa, que, conforme Prodanov (2013), considera a interação entre o mundo real e a subjetividade do indivíduo, focando na interpretação dos fenômenos e na atribuição de significados.

O estudo foi realizado por meio de levantamento bibliográfico, do tipo: exploratória, considerando o tema ser pouco explorado e de difícil formulação de hipóteses acuradas, mas que, ao final do processo investigatório, será melhor compreendido (GIL, 2016).

Adotou-se como técnica de pesquisa a revisão de literatura do tipo narrativa. Segundo Lakatos e Marconi (2017), a pesquisa de caráter bibliográfico é fruto do contato com os achados científicos escritos sobre determinado assunto.

Para a sua realização, utilizou-se como material de apoio: artigos científicos usando as palavras-chave selecionadas conforme os Descritores em Ciências da Saúde (DeCs): “câncer de mama”, “quimioterapia”, “autocuidado” e “psicologia” (plataforma Scielo, BVS e PubMed), e livros (físicos e eletrônicos), cujas publicações datam de até 6 anos atrás, no Brasil, escritos em língua portuguesa. Estudos que não estavam disponíveis gratuitamente ou que não se alinhavam ao tema proposto foram excluídos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Compreender o câncer de mama como uma doença sistêmica e não apenas localizada no seio ampliou as abordagens de tratamento, que hoje incluem quimioterapia, radioterapia

e bloqueadores hormonais, além da cirurgia, melhorando as taxas de sobrevivência. No entanto, é essencial que a atenção ao câncer de mama vá além do enfoque biomédico, considerando também as representações culturais e sociais que influenciam a forma como as mulheres vivenciam a doença. Essas representações afetam profundamente a identidade feminina e o enfrentamento da doença, exigindo uma abordagem que considere tanto os aspectos físicos quanto emocionais e sociais do cuidado (Maroun; Gomes; Silva, 2024).

Com o avanço no conhecimento sobre o câncer de mama, este já não se apresenta como um enigma desconhecido, como foi em épocas anteriores. Atualmente, a histologia da doença pode ser determinada, possibilitando a escolha de tratamentos mais eficazes. No entanto, as mulheres diagnosticadas com câncer de mama enfrentam uma jornada clínica complexa, onde diferentes abordagens terapêuticas são adotadas. Esse processo, além dos desafios físicos, provoca afetações emocionais significativas, que se refletem profundamente na vida dessas pacientes, especialmente ao lidarem com sentimentos de impotência e culpa, comumente associados à doença (Pereira; Calhao, 2020).

Atualmente, as opções terapêuticas para o câncer de mama são diversificadas e são estabelecidas com base no estadiamento da doença, no perfil celular e imunohistoquímico, bem como na avaliação de mutações genéticas específicas. Entre as alternativas disponíveis, destacam-se a cirurgia, a radioterapia, a hormonioterapia, a terapia alvo e a quimioterapia tradicional. Esses tratamentos são selecionados de acordo com a complexidade do diagnóstico e a necessidade individualizada de cada paciente (ICTQ, 2020).

Segundo o INCA (2022), a quimioterapia é um tratamento oncológico que utiliza medicamentos para destruir células cancerosas que se multiplicam de maneira desordenada. Esses medicamentos circulam pelo corpo através do sangue, atingindo não apenas o local primário do tumor, mas também possíveis células cancerosas dispersas, prevenindo a metástase e auxiliando na redução do tumor. A administração pode ocorrer de diversas formas, como oral, intravenosa, intramuscular, subcutânea, tópica, ou intratecal, dependendo da localização do câncer, do tipo de quimioterapia prescrita e das condições do paciente.

De acordo com Bacelar *et al.* (2021), o tratamento do câncer de mama frequentemente inclui a quimioterapia, uma intervenção essencial no contexto oncológico, que pode ser neoadjuvante, aplicada antes da cirurgia para reduzir o tumor e possibilitar a preservação da mama em casos localmente avançados, ou adjuvante, realizada após a cirurgia com o objetivo de eliminar células remanescentes e aumentar as chances de cura.

Nesse contexto, ao receber o diagnóstico de câncer de mama, as mulheres podem enfrentar uma gama de sentimentos intensos, sendo o medo da morte um dos mais presentes durante esse processo. Diante de algo tão inesperado e transformador em suas vidas, elas são impulsionadas a buscar formas de se fortalecer emocionalmente, encontrando maneiras de enfrentar essa nova realidade de forma resiliente, como destacado nos relatos das participantes de um estudo (Pereira, 2020).

Para Medeiros *et al.* (2019), o tratamento quimioterápico traz mudanças profundas,

que afetam não apenas o corpo físico, mas também a identidade da mulher. A alopecia, destacada como um dos aspectos mais impactantes, altera a autoimagem e a forma como a mulher se percebe. O corpo, nesse contexto, não é apenas um objeto, mas parte essencial da identidade, refletindo a integração entre corpo e mente. Assim, as mudanças externas provocadas pela quimioterapia refletem transformações internas, onde a aceitação das novas limitações torna-se parte do processo de adaptação e superação.

A pesquisa de Cunha *et al.* (2019) aborda as estratégias de autocuidado adotadas por mulheres com câncer de mama para o manejo da fadiga emocional decorrente do tratamento quimioterápico. Entre as práticas identificadas, destacou-se a realização de atividades físicas leves, o contato com a natureza e a religiosidade, todas elas com o objetivo de promover alívio mental e emocional. Essas estratégias são associadas ao fortalecimento da autoconfiança e à sensação de maior controle sobre os efeitos adversos do tratamento, permitindo que as pacientes se sintam mais preparadas para seguir com o tratamento e enfrentar os desafios emocionais impostos pela doença.

Além disso, o estudo de Souza e Santos (2024) ressalta a importância de estratégias que envolvem a busca por suporte emocional, como a participação em grupos de apoio, que oferecem um espaço de acolhimento, compartilhamento de experiências e fortalecimento da autoestima. Essas práticas auxiliam na redução do estresse e no enfrentamento do medo e da ansiedade, promovendo um sentimento de pertencimento e contribuindo significativamente para a qualidade de vida dessas mulheres, especialmente em contextos desafiadores como o tratamento quimioterápico.

Ainda, a pesquisa de Pereira (2020) revela que, apesar do diagnóstico de câncer de mama ser inicialmente marcado pelo estigma da morte, com o tempo o foco é direcionado para a cura, com a fé, a religiosidade e o apoio familiar se destacando como pilares essenciais para o enfrentamento da doença. No entanto, a quimioterapia, especialmente pela queda de cabelo, afeta profundamente a autoimagem e autoestima, externalizando a condição e expondo-as ao preconceito social, o que reforça o isolamento. Além disso, fragilidades no acesso a informações formais levam à dependência de trocas informais entre pacientes, destacando a necessidade de melhor orientação e apoio educacional durante o tratamento.

Nesse caminho, o estudo de Pereira e Calhao (2020) evidencia que os impactos emocionais de mulheres em tratamento quimioterápico para o câncer de mama atingem profundamente a autoestima e a forma como essas mulheres percebem a si mesmas e suas relações sociais. Por isso, o ambiente de apoio se mostra crucial para mitigar o estigma e o julgamento que muitas vezes acompanham essas transformações, reforçando a necessidade de um cuidado integrado que contemple a saúde emocional.

Além disso, práticas de autocuidado em saúde mental são fundamentais como medida preventiva e de promoção de bem-estar, especialmente em momentos de crise. Incorporar essas práticas no cotidiano, como forma de lidar com adversidades psicossociais, pode aliviar desconfortos emocionais e proporcionar aprendizado pessoal. Ao buscar formas de autocuidado, o reconhecimento das próprias limitações é o ponto de partida

para um enfrentamento mais saudável. Atividades simples, como exercícios ao ar livre, hobbies e práticas meditativas, oferecem oportunidades para resgatar prazeres do dia a dia, promovendo um equilíbrio entre mente e corpo (Esperidião; Farinhas; Saidel, 2020).

O autocuidado pode ser entendido como um conjunto de ações realizadas de forma autônoma pelos indivíduos, com o objetivo de preservar a vida, promover a saúde e garantir o bem-estar. Esse processo contempla a prevenção de doenças e o controle de condições de saúde, mas também considera as particularidades de cada pessoa, como suas limitações, preferências e possibilidades. Assim, o autocuidado desempenha um papel fundamental na promoção de uma melhor qualidade de vida, impactando diretamente o estado de saúde física, mental e emocional de cada pessoa (Dourado *et al.*, 2023).

Assim, Oliveira *et al.* (2020) aponta que autocuidado se refere à capacidade do indivíduo de cuidar de si de forma consciente e autônoma. No contexto da prevenção do câncer de mama, essa prática visa instruir as mulheres a adotarem cuidados individuais que promovam a saúde das mamas, fortalecendo sua autonomia e responsabilidade no acompanhamento e na detecção precoce de possíveis alterações.

Ainda, é essencial manter uma rotina que inclua, por exemplo, pausas para práticas de relaxamento e respiração, que contribuem para a redução do estresse e insônia. A adesão a essas estratégias não só melhora a saúde mental, mas também fortalece a resiliência, possibilitando um enfrentamento mais leve e humanizado das adversidades vividas (Esperidião; Farinhas; Saidel, 2020).

De acordo com Monteiro (2020), estudos demonstram a importância de criar espaços onde as pacientes em tratamento possam falar sobre seus sentimentos e práticas de autocuidado. É crucial que, durante as consultas com a equipe de saúde, essas dimensões sejam rastreadas para mitigar os impactos negativos que afetam a qualidade de vida. Embora nem todos os profissionais estejam preparados para lidar com aspectos emocionais das pacientes, uma escuta sensível e atenta pode facilitar os encaminhamentos adequados, promovendo um trabalho multidisciplinar mais eficaz.

Nesse contexto, para Silva, Missiatto e Feitosa (2020) a psicologia desempenha um papel crucial na promoção da qualidade de vida dos pacientes oncológicos, identificando os fatores emocionais que podem interferir na saúde e ajudando a reduzir sintomas emocionais e físicos. Intervenções como grupos terapêuticos ou atendimentos individuais podem ser especialmente eficazes, principalmente entre mulheres, que tendem a apresentar maiores níveis de estresse. A abordagem psicológica, integrada a uma equipe multiprofissional, proporciona um cuidado mais abrangente, fortalecendo o paciente em todas as dimensões do tratamento oncológico.

O suporte psicológico é essencial para ajudar as mulheres a lidar com o impacto emocional no tratamento oncológico, especialmente no que se refere à perda da mama e às repercussões na autoestima e na percepção corporal. A psicologia contribui para ressignificar esses aspectos, ajudando a minimizar a angústia e a promover uma melhor qualidade de vida. Ao longo do processo, as pacientes adotam diferentes estratégias de

enfrentamento, sendo as mais adaptativas aquelas baseadas na aceitação, espiritualidade e apoio psicológico, o que contribui para um melhor ajuste emocional durante o tratamento (Almeida *et al.*, 2022).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura revisada evidencia que o câncer de mama e o tratamento quimioterápico afetam profundamente a saúde emocional, a autoestima e a identidade feminina. O autocuidado emocional desponta como uma prática essencial para o enfrentamento desse processo, ajudando a reduzir o sofrimento, fortalecer a resiliência e promover a qualidade de vida.

As práticas de autocuidado emocional permitem que a mulher ressignifique sua autoimagem e retome seu protagonismo diante da doença, enquanto o apoio psicológico contribui para a reconstrução da identidade e para a elaboração dos sentimentos de perda e medo.

Assim, conclui-se que o tratamento oncológico deve ser compreendido como uma experiência que ultrapassa o corpo físico, exigindo um olhar integral e humanizado que contemple as dimensões emocionais, sociais e subjetivas da mulher. Promover o autocuidado emocional é, portanto, uma forma de reconhecer a mulher para além da doença, garantindo-lhe dignidade, autonomia e esperança ao longo de sua trajetória.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Irlândia Oliveira *et al.*. **Impactos psicológicos da mastectomia: uma análise na associação de apoio à pessoa com câncer.** Revista Baiana de Saúde Pública. v. 46, n. 2, p. 122-136 abr./jun. 2022. Disponível em: <https://rbsp.sesab.ba.gov.br/index.php/rbsp/article/view/3634/3104>. Acesso em: 16 de setembro de 2024.
- BACELAR, Luana Santana *et al.*. **Enterocolite Neutropênica em Paciente com Câncer de Mama em Uso de Quimioterapia Adjuvante: Relato de Caso.** Revista Brasileira de Cancerologia 2021; 67(1): e-171188. Disponível em: <https://docs.bvsalud.org/biblioref/2021/02/1147737/document-18.pdf>. Acesso em: 10 de setembro de 2024
- CUNHA, Nayara Ferreira *et al.*. **Fatigue management experiences from women undergoing chemotherapy: self-care strategies.** Escola Anna Nery, v. 23, n. 4, p. e20190097, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/P5F9PRhwx49Dwk9zWkdN4fq/#>. Acesso em: 13 de setembro de 2024
- DOURADO, Thalia Jardim *et al.*. **Desenvolvimento e validação de material instrucional sobre autocuidado em saúde para profissionais atuantes em projetos sociais.** *R Pesq Cuid Fundam* [Internet]. 2023 [acesso ano mês dia];15:e11600. Disponível em: <https://doi.org/10.9789/2175-5361.rpcfo.v15.11600>. Acesso em: 16 de setembro de 2024
- ESPERIDIÃO, Elizabeth; FARINHAS, Marciana Gonçalves; SAIDEL, Maria Giovana Borges. **Práticas de autocuidado em saúde mental em contexto de pandemia.** In: Esperidião E, Saidel MGB (Orgs.). *Enfermagem em saúde mental e COVID-19*. 2.ed. rev. Brasília, DF:

Editora ABEn; 2020. p. 65-71. (Série Enfermagem e Pandemias, 4). Disponível em: <https://doi.org/10.51234/aben.20.e04.c09>. Acesso em: 18 de setembro de 2024.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. – 5. Ed. – São Paulo: Atlas, 2016. [Recurso eletrônico]

INSTITUTO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E QUALIDADE- ICTQ. **Protocolo do Tratamento de Câncer De Mama**. 2020. Disponível em: <https://www.ictq.com.br/varejo-farmaceutico/947-protocolo-do-tratamento-de-cancer-de-mama>. Acesso em: 9 de setembro de 2024

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER JOSÉ ALENCAR GOMES DA SILVA – INCA. **A mulher e o câncer de mama no Brasil**. Instituto Nacional do Câncer. Rio de Janeiro: INCA, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/inca/pt-br/centrais-de-conteudo/exposicoes/a-mulher-e-o-cancer-de-mama-no-brasil>. Acesso em: 6 de setembro de 2024

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER JOSÉ ALENCAR GOMES DA SILVA – INCA. **Quimioterapia**. Instituto Nacional do Câncer. Rio de Janeiro: INCA, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/inca/pt-br/aceso-a-informacao/perguntas-frequentes/quimioterapia>. Acesso em: 6 de setembro de 2024

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. - 8. ed. - São Paulo: Atlas 2017. [Recurso eletrônico]

MAROUN, Pedro Senise; GOMES, Romeu; SILVA, Adriano Da. **Representações culturais do câncer de mama: uma revisão de escopo**. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 29, n. 6, p. e11002023, jun. 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/kGVfmKjDjDXc3kGB6cK8NxS/#>. Acesso em: 10 de setembro de 2024

MEDEIROS, Marlise Barros De *et al.*. **Perception of women with breast cancer undergoing chemotherapy: a comprehensive analysis**. *Rev Bras Enferm*. 2019;72(Suppl 3):103-10. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2018-0165>. Acesso em: 17 de setembro de 2024.

MONTEIRO, Fernanda Heming Souza. **Repercussões na sexualidade da paciente com câncer de mama e o uso de escalas de autoimagem: uma proposta de revisão integrativa**. Porto Alegre, 2020. Disponível em: <https://docs.bvsalud.org/biblioref/2021/11/1342130/tcr-fernanda-heming-souza-monteiro.pdf> Acesso em: 16 de setembro de 2024.

OLIVEIRA, Diego Augusto Lopes *et al.* **Self-care and breast cancer prevention: perceptions of women with motor disabilities / Autocuidado e prevenção de câncer de mama: percepções de mulheres com deficiência motora**. *Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online*, Rio de Janeiro, Brasil, v. 15, p. e–12153, 2023. DOI: 10.9789/2175-5361.rpcfo.v15.12153. Disponível em: <https://seer.unirio.br/cuidadofundamental/article/view/12153>. Acesso em: 16 de setembro de 2024.

PEREIRA, Leihge Roselle Rondon; CALHAO, Ana Rafaela Pecora. **Para além do câncer de mama: estudo centrado nas mulheres em tratamento quimioterápico**. *Rev. Nufen: Phenom. Interd.* | Belém, 12(2), 20-40, mai.– ago., 2020. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/rnufen/v12n2/a03.pdf>. Acesso em: 5 de setembro de 2024.

PEREIRA, Sanele Cristina da Cruz. **Manual educativo para mulheres com câncer de**

mama em tratamento quimioterápico [recurso eletrônico]. Curitiba, 2020.

PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico** [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico / Cleber Cristiano Prodanov, Ernani Cesar de Freitas. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SILVA, Carlos Gester Valiatti Da; MISSIATTO, Leandro Aparecido Fonseca; FEITOSA, Fabio Biasotto. **Estratégias de Coping Utilizadas por Pacientes Oncológicos em uma Cidade do Interior da Amazônia Legal**. Rev. Bras. Cancerol. [Internet]. 16º de outubro de 2020; 66(4):e-08626. Disponível em: <https://rbc.inca.gov.br/index.php/revista/article/view/626>. Acesso em: 18 de setembro de 2024.

SILVA, Lucia Cecilia Da. **Câncer de mama e sofrimento psicológico: aspectos relacionados ao feminino**. Psicologia em Estudo, v. 13, n. 2, p. 231–237, abr. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/Nt9QhBh3Z6T9pY8hRTgQVjQ#>. Acesso em: 5 de setembro de 2024

SILVA, Sílvia Éder Dias Da *et al.*. **Representações sociais de mulheres mastectomizadas e suas implicações para o autocuidado**. Revista Brasileira de Enfermagem, v. 63, n. 5, p. 727–734, set. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/LwRZJRqH4VSN8fKshS9FRdw/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 5 de setembro de 2024

SOUZA, Carolina De; SANTOS, Manoel Antônio Dos. **Significados Atribuídos por Mulheres com Câncer de Mama ao Grupo de Apoio**. Psicologia: Ciência e Profissão, v. 44, p. e259618, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/vZDsPy85KqYwpxnmzxxzNMMw/>. Acesso em: 14 de setembro de 2024